

SEQÜÊNCIA DIDÁTICA

Professora PDE: Marilena Aparecida Piai Zarelli.

Professora Orientadora: Sílvia Regina Emiliano.

IES: UEM – Universidade Estadual de Maringá.

Objeto de estudo e intervenção: Estratégias de leitura.

Gênero principal: Conto.

Gêneros de apoio: canção, filme.

Séries: 2ª e 3ª – Ensino Médio.

As estratégias de leitura no gênero conto: transformando o aluno leitor.

ANTES-DURANTE-DEPOIS

No trabalho que desenvolveremos nesta unidade nosso foco principal é a leitura. Você, caro aluno, se considera um bom leitor? Quando você lê utiliza alguma estratégia de leitura para melhor compreender o texto? O que seria ser um bom estrategista?

Estrategistas somos todos nós que no dia-a-dia procuramos encontrar soluções para os problemas que nos aparecem pela frente.

Nesta Seqüência de atividades, vamos juntos usar estratégias que possibilitem fazer do ato de ler uma grande descoberta, buscando todos os caminhos possíveis para entender o texto partindo de nossas previsões, suposições, levantando hipóteses, percorrendo as diversas possibilidades de compreensão e chegando a tentativa de interpretá-lo em toda a sua complexidade. Primeiramente, vamos ativar o nosso conhecimento prévio sobre o autor e o título do conto que será lido, fazer previsões, inferências, relacioná-lo a nossa vivência concreta para então ler nas linhas, depois nas entrelinhas e além delas.

L ANTES

Esta primeira etapa tem por finalidade chamar a atenção para o autor e o título do texto, ativar o conhecimento prévio, estabelecer previsões sobre o tema, criar expectativas, nosso objetivo é que você perceba como as estratégias de leitura são importantes para facilitar a vida do leitor.

Você conhece alguma obra de Machado de Assis? Vamos conversar, trocar informações com os colegas da sala sobre o que cada um já sabe sobre a vida e a obra deste autor que ficou conhecido no final do século XIX, início do século XX e tem intrigado a todos quantos queiram decifrar a sua obra. A sedução que sua obra exerce sobre quem procura entendê-la é inegável, por isso é reconhecido, hoje, como o maior romancista brasileiro de todos os tempos. Pessimista, melancólico, dono de uma ironia fina conquista cada vez mais leitores em todo o mundo.

Para saber mais sobre Machado de Assis: www.dominiopublico.gov.br

Ao falar sobre as obras de Machado de Assis e selecionar uma para desenvolver nosso trabalho não podemos nos esquecer que estamos tratando de LITERATURA.

A **Literatura**, como produção humana, está intrinsecamente ligada à vida social, assim compreende-se que ela *é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de certa maneira; portanto, ela carrega em si marcas desse contexto.* (SILVA, 2003, p.123 in Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, 2007, p 36).

Machado de Assis escreveu contos, poesias, romances. Dentre eles, o escolhido para este trabalho foi o gênero conto.

Conto é uma narrativa curta. Ao contrário do romance que é mais longo e possui outras características, o conto tem uma história breve, cujo tempo e espaço são reduzidos, e as poucas personagens existem em função de um núcleo. É o relato de uma situação ocorrida na vida dos personagens. O tempo pode ser cronológico ou psicológico e o caráter real ou fantástico.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conto>

Dissemos anteriormente que Machado de Assis escreveu sua obra em diversos gêneros. Vamos observar o que é gênero textual.

Toda vez que produzimos textos orais ou escritos, verbais e não verbais utilizamo-nos dos mais diferentes gêneros, depende da situação e da finalidade para o qual o produzimos, como por exemplo, uma receita de bolo, uma carta a um amigo, um artigo de opinião. Estes textos apresentam uma estrutura que se repete, têm quase sempre a mesma forma, a isso se dá o nome de **gêneros textuais**.

...a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. (Marcuschi. P.22)

O QUÊ, PARA QUÊ E COMO LER?

O ato de ler pressupõe uma interação entre obra/autor/leitor. É na relação entre o leitor e a obra e nela a representação do mundo do autor que se confronta a representação do mundo do leitor. Quem lê não amplia apenas o seu universo, mas também o universo da obra a partir da sua experiência cultural. (DC, 2007, p.36).

Nessa perspectiva, vamos desenvolver nosso trabalho com o texto **CONTO DE ESCOLA** de Machado de Assis.

Atividade 1.

Vamos fazer previsões:

1. A que nos remete o título do conto?
2. O título cria expectativas sobre o tema? Sobre o que falaríamos num “Conto de Escola”?
3. O título traz informações suficientes para que possamos descobrir, de imediato, qual o assunto tratado por Machado de Assis nesse conto? Justifique a sua resposta fazendo suposições pertinentes.
4. Do seu ponto de vista, o título deixa entrever do que se trata ou é enigmático? Justifique sua resposta.



Agora que já tentamos desvendar o assunto do conto por meio do título, vamos fazer a leitura-descoberta. A leitura é, muitas vezes, um ato solitário e para isso faremos uma leitura silenciosa. Entretanto, também podemos fazer a leitura compartilhada, cada aluno lê um parágrafo e juntos vamos comentando sobre cada trecho lido, descobrindo sobre o que realmente trata o conto. Iniciemos a nossa leitura.



CONTO DE ESCOLA

Machado de Assis

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia - uma segunda-feira, do mês de maio - deixei-me estar alguns instantes na

Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinqüenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

- *Seu Pilar*, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinqüenta minutos; venciam com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

- O que é que você quer?

- Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita,

por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

- Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

- Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

- *Seu Pilar...* murmurou ele daí a alguns minutos.

- Que é?

- Você...

- Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

- De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

- Então agora...

- Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo - dez ou doze minutos - Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

- Sabe o que tenho aqui?

- Não.

- Uma pratinha que mamãe me deu.

- Hoje?

- Não, no outro dia, quando fiz anos...

- Pratinha de verdade?

- De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuidio que doze vinténs ou dois tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

- Mas então você fica sem ela?

- Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que

queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, - e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal, - parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, - mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. - Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

- Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e - tanto se ilude a vontade! - não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

- Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal,

ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremei; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

- Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

- Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espia-la.

- Oh! *seu* Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremei como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

- Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

- Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo.

- Eu...

- Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

- Perdão, seu mestre... soluzei eu.

- Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

- Mas, *seu* mestre...

- Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

- Tu me pagas! tão duro como osso! dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua larga São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: *Rato na casaca...* Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E, contudo, a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

Esse texto você pode encontrar em: <http://www.dominiopublico.gov.br>

Após a leitura, vamos formar grupos e desenvolver nosso trabalho, comparar se os dados que levantamos a respeito do conto apenas com o título realmente têm relação com o assunto tratado por Machado de Assis.

Atividade 2.

Confirmando ou refutando as hipóteses levantadas anteriormente.

1. Suas expectativas foram confirmadas? Por quê?
2. O título do conto é pertinente em relação as idéias (assunto) apresentadas no texto?
3. Qual a temática desenvolvida por Machado de Assis neste conto? Busque, no texto, elementos que comprovem sua resposta.

Atividade 3.

Buscando novas informações.

1. Identifique os personagens, os lugares onde os fatos acontecem, o momento, o narrador.
2. O foco narrativo é o ponto de vista que o narrador se utiliza para contar um fato. Observe o foco narrativo do Conto de Escola e responda:
 - a) Como o narrador conta o fato? Ele participa das ações ou somente conta a história? Como isso está marcado no texto? Exemplifique.

Atividade 4.

Refletindo sobre o uso da língua.

1. Algumas vezes, o narrador é personagem, participa ativamente da história, outras, ele é um narrador onisciente, aquele que tudo sabe, tudo ouve, tudo vê. As pessoas do verbo indicam se o narrador é personagem ou onisciente. Nesse conto, como o verbo indica a pessoa do narrador? Copie do texto alguns exemplos de verbos indicadores do tipo de narrador.

2. Os verbos que constituem as ações estão no pretérito perfeito simples e no pretérito imperfeito, São ações narradas, essencialmente, no passado. Qual a razão para o autor, ora usar um tempo verbal, ora outro? Justifique.
3. As reticências, pelo contexto, podem, às vezes, provocar “um silêncio” que permite ao leitor inferir no texto e buscar o conteúdo semântico do que não foi dito. Nessa perspectiva, qual seria o significado do uso das reticências no desfecho do conto?
4. Faça um levantamento das palavras ou expressões do texto que caracterizam os personagens da história. Essa escolha está adequada para os personagens dessa história? Explique.
5. Há no texto palavras ou expressões que você desconhecia? Caso não consiga apreender seu significado a partir do texto, relacione-as e pesquise o significado.

Atividade 5.

Para pensar e buscar as informações no texto.

1. A delação e a corrupção presentes na história demonstram o caráter dos personagens?
2. Retire do texto situações típicas para a corrupção, delação, inveja, etc.
3. Por que Pilar chegou à conclusão de que não era “um menino de virtudes”?
4. Entrevê-se um momento histórico no texto. Recordando a história do Brasil e tendo como referência o ano em que o texto foi publicado pela primeira vez, 1884. Você consegue ligar o personagem Pilar a esse momento histórico? Qual é ele? Comente? Se não conseguirmos o objetivo desta questão, por falta de subsídios históricos, vamos à pesquisa.

Atividade 6.

O enredo / trama

Observando a organização estrutural do texto, identifique trechos onde aparecem:

1. As características de caráter, de comportamento dos personagens.
2. Introdução do conflito.

3. O acontecimento notável.
4. Desfecho do conflito.
5. Introdução de um novo conflito.
6. A conclusão a que chegou Pilar depois do ocorrido.

Atividade 7.

Resumir para entender melhor o texto.

Tendo em mente que resumir é “enxugar” o texto, faça o resumo do Conto de Escola. Evite copiar frases ou expressões contidas no texto original. Depois faremos a leitura do resumo em sala de aula para partilharmos.

Para buscar mais subsídios sobre resumo consulte o site

<http://www.caminhosdalingua.com/resenha.html>

Para intertextualizar:
Texto-puxa-texto

Ao entrarmos no mundo da leitura há um processo contínuo de **texto puxa-texto**, isso porque um tema nunca está inserido dentro de um único gênero textual. Ele aparecerá sempre nos mais variados gêneros do discurso. Sendo assim, vamos enriquecer nosso trabalho desenvolvendo os temas **delação** e **corrupção**, presentes no Conto de Escola, na perspectiva de outros gêneros, sem, no entanto, nos aprofundarmos em cada um deles.

Delação, assunto antigo e sempre atual na história da humanidade.

Esse tema não é novo. A Bíblia traz em Mateus 26,14-16 a delação de Judas que delata Jesus por trinta moedas. Vamos fazer a leitura e conferir.

No artigo **Delação e escola: o caso da Escola de Base**, o professor Raymundo de Lima trata sobre o tema delação.

O filme “Acusação” conta a história do sofrimento de uma família proprietária de uma escola infantil delatada por uma falsa psicóloga de abuso contra uma criança nos EUA, na década de 1980. No Brasil, caso semelhante aconteceu em 1994, na Escola de Base, localizada no Bairro da Aclimação, em São Paulo.

Tanto quem delata quanto quem é delatado sofre. Este porque se torna alvo da sociedade e mesmo que depois seja considerado inocente, já teve a vida arruinada, aquele por carregar a pecha de “dedo-duro”, e por ser, às vezes, isolado e rejeitado pela sociedade, além de sentir culpa e remorso.

O desfecho da delação pode ser trágico. No texto bíblico, Mateus 27, 3-5, Judas com remorso e culpa pela morte de Cristo, enforcou-se.

No Brasil, Silvério dos Reis passou à história como um infame delator. Mas essa é uma outra história. Você conhece? Sabe quem foi ele? Relate para os colegas da sala.

Você sabe de algum caso recente de delação no Brasil? Comente.

Para saber mais sobre o artigo do Professor Raymundo de Lima acesse www.espaçoademico.com.br

CURIOSIDADE

Você sabe algo ou já ouviu falar sobre delação premiada? No Brasil, ela aparece no Código Penal.

Vamos pesquisar para sabermos mais sobre nossas leis a respeito desse assunto? Ele está bem comentado na mídia ultimamente.

Corrupção, tema recorrente no mundo. No Brasil, esse assunto tem sido divulgado com certa frequência. Comprovando-se ou não as denúncias, as notícias estão nos diversos meios de comunicação, na imprensa falada e escrita.

Vamos trazer para a próxima aula, textos de jornais e/ou revistas com reportagens sobre corrupção para nos inteiramos de como esse assunto continua sempre atual.

Machado de Assis, autor do conto, utilizou o texto em prosa para dar forma ao seu conto, porém um conto pode aparecer nas mais variadas formas, em versos, em letras de música, no cinema e muitos outros. A seguir, músicas que podem remeter implicitamente ao Conto de Escola.

DESCONTRAÍNDO

Vamos descontrair com um pouco de música e também observar que Renato Russo, autor da letra, estava preocupado, naquele momento, com os acontecimentos do país. Será que naquele momento havia corrupção? E hoje? Você encontra essa música no álbum “Que País é este?” do grupo Legião Urbana, gravado em 1987.

QUE PAÍS É ESTE

Legião urbana

Nas favelas, no senado

Sujeira pra todo lado

Ninguém respeita a constituição

Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?

Que país é esse?
 Que país é esse?
 No Amazonas, no Araguaia já, já,
 Na Baixada Fluminense
 Mato Grosso, Minas Gerais e no
 Nordeste tudo em paz
 Na morte o meu descanso, mas o
 Sangue anda solto
 [...]

O cantor Zé Ramalho também cantou sua indignação e sua frustração com o seu país na música “Meu País”. Letra de Orlando Tejo, Gilvan Chaves e Livardo Alves. Essa música está no álbum Nação Nordestina, gravado em 1998.



Zé Ramalho

Tô vendo tudo, tô vendo tudo
 Mas, bico calado, faz de conta que sou mudo

 Um país que crianças elimina
 Que não ouve o clamor dos esquecidos
 Onde nunca os humildes são ouvidos
 E uma elite sem Deus é quem domina
 Que permite um estupro em cada esquina
 E a certeza da dúvida infeliz
 Onde quem tem razão baixa a cerviz
 E massacram-se o negro e a mulher
 Pode ser o país de quem quiser
 Mas não é, com certeza, o meu país.
 [...]

Atividade 8.

Vamos analisar essa realidade cantada por Renato Russo e Zé Ramalho nas décadas de 1980 e 1990. Essa realidade ainda é atual, está presente no nosso dia-a-dia? O que mudou ou não neste novo milênio? Comente citando exemplos recentes de corrupção.

Literatura e diversão:

O cinema é um campo que propicia um amplo diálogo com a literatura.

Alguns filmes dão claro exemplo de como a realidade se apresenta e até a denunciam. Muitos desses filmes nem alcançam muito sucesso na mídia porque as denúncias que eles fazem, às vezes, dizem respeito à própria mídia dominante.

Atividade 9.

Vamos assistir ao filme “quanto vale ou é por quilo?”, um filme do produtor Sérgio Bianchi, Brasil, 2005.

O filme “Quanto vale ou é por quilo?” apresenta um painel de duas épocas aparentemente distintas, mas, no fundo, semelhantes na manutenção de uma perversa dinâmica sócio-econômica, embalada pela corrupção impune, pela violência e pelas enormes diferenças sociais.

Após o filme vamos, em círculo, na sala de aula, debater sobre o tema.

Sugestões de filmes sobre corrupção e delação.

Acusação,

A informante,

Os infiltrados

Corrupção (filme português de 2007),

Alta corrupção,

Dirty: O poder da corrupção,

Edison: Poder e corrupção.



Narrar é contar - construindo o texto.

Há uma velha crença de que *quem conta um conto aumenta um ponto*. Machado de Assis deixa, como sempre, muitos caminhos para se chegar a outras conclusões. Algo fica no ar ao terminar o texto com reticências. Vamos aproveitar essa “deixa” produzindo um novo conto dando seqüência ou criando um novo enredo ao Conto de Escola.

A produção de um novo texto dá a oportunidade de nos colocarmos criticamente diante de uma determinada realidade e/ou de buscarmos, na ficção, uma forma de extrapolar nossas idéias e concepções sobre o tema em questão.

Atividade 10.

Toda atividade de escrita pressupõe revisão e reescrita do texto produzido. Para isso, em sala de aula, após a produção da primeira versão, o professor, juntamente com os alunos, fará a revisão colaborativa do texto, produção da segunda versão, revisão colaborativa e produção da versão final.

Ao fazer a revisão colaborativa do texto os alunos e o professor devem atuar como leitores procurando sempre melhorar o texto produzido.

Divulgando o trabalho dos alunos.

Quando produzimos um determinado texto precisamos ter em mente a quem estamos destinando as nossas concepções e idéias. Para isso, proponho que visitemos a redação do jornal A Gazeta de Altônia, a fim de solicitar espaço para a publicação dos contos divulgando, dessa forma, junto à comunidade, o nosso trabalho. Outra forma de divulgação será a exposição dos contos no mural da escola que fica no pátio de circulação dos alunos.

Feitos os trabalhos de escrita, reescrita e divulgação, vamos, coletivamente, escolher alguns contos para serem encenados, primeiramente para a turma da sala e, posteriormente, organizaremos uma noite cultural onde as peças serão encenadas para todos os alunos, pais e comunidade convidada a participar do evento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. **Conto de escola**. Disponível em:

<http://www.dominopublico.gov.br> Acesso em: 26.11.2007.

ARAÚJO, U. F. **CONTO DE ESCOLA: A Vergonha como um Regulador Moral**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

BENITES, S. A. L. **Leitura e Análise Lingüística**. Anais. V Semana de Letras. p.39-44. FAFIJAN. Jandaia do Sul - PR, Setembro. 2001.

_____ BERNINI, E. A. B. **Leitura e Análise Lingüística**. Anais. V Semana de Letras. p.53-61. FAFIJAN. Jandaia do Sul - PR, Setembro. 2001.

DELL'ISOLA, R.L. P. A Interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, I. (Org.). **As múltiplas facetas da linguagem**. Brasília: UNB, 1996.

ESPEJO-SAAVEDRA, I.A. **Estratégias para uma leitura reflexiva.** Bauru, SP: Edusc, 2000.

FERRERO, E. (Org.) **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1992.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula – leitura e produção.** Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: teoria e pratica.** 7. ed. Campinas, SP : Pontes, 2000.

_____. **Texto & Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** 9.ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KLOSS, M. V; SANTOS, P. B; UMBACH, R. **A Corrupção em Conto de Escola.** Revista Urutagua, n.04. UEM. Maringá-PR, ISSN 1519. 6178, Maio/2002. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br> Acesso em: 28.11.2007.

LIMA, R.de. **Delação e Escola: O caso da Escola de Base.** Revista Espaço Acadêmico. n.54, Novembro/2005. Disponível em <http://www.espaçoademico.com.br>. Acesso em 26.11.07.

LOPES-ROSSI, M. A. G. O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de um gênero discursivo. In: LOPES-ROSSI, M. A. G. (Org.) **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos.** Taubaté: Cabral, 2002. P. 19-40. (Capítulo 1)

_____. **Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita.** Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

MACHADO, A. R. A Perspectiva Interacionista Sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D.) (Orgs.). **Gêneros __ Teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237-259.

----- CRISTOVÃO, V. L.L. **A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: Aportes e Questionamentos para o Ensino de Gêneros.** Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 6, n.3, set/dez.2006.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONISIO, A.P. et al. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

----- . A leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. da (Org.), **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** SP: Ática, 2005.

MENEGASSI, R.J. **Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor.** Revista Unimar, Maringá, 1995.

----- . **Procedimentos de Leitura e Escrita na Interação em Sala de aula.** MATHESIS – Rev. De Educação – v.5, n.1 – p.105-125, jan./jun. 2004

----- SILVA, A. M.da; GAFFURI, P. **Leitura e Pré-leitura na Sala de Aula do Ensino Fundamental.** Anais. I Congresso Nacional de Linguagem em Interação. UEM. Maringá-PR, Outubro/2006.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica. Ensino Médio,** Curitiba, 2007.

SARMENTO, L.L. **Oficina de Redação.** 1.ed. SP: Moderna, 1997.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura.** Trad. Claudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.